

APRESENTAÇÃO

A matéria da presente edição de *Estudos em Avaliação Educacional* é bastante ampla: começa com um ensaio de Rosemberg, trabalho seminal na área da educação infantil; Bajard faz uma análise crítica do ensino da Língua Portuguesa, segundo os novos Parâmetros Curriculares Nacionais; Bellini e Ruiz mostram a possibilidade de um ensino que leve os alunos a descobrirem que a Matemática é bela; Mildner revela sua preocupação com a aprendizagem e a avaliação educacional; Lang da Silveira e Reis Prá, utilizando sua *expertise* estatística, revelam o desempenho dos alunos nas Ciências; Furlani apresenta um novo quadro do ensino superior noturno e mostra aspectos surpreendentes; e Vianna esboça um quadro da formação de um avaliador educacional ao longo de mais de 30 anos.

O artigo de **Rosemberg** descreve e analisa os principais instrumentos nacionais, disponíveis nos últimos anos, para coleta de dados macro-sociais sobre educação infantil. A análise focaliza, especialmente, a conceituação de educação infantil e as variáveis sobre o usuário e o estabelecimento previstas nos questionários usados pelo IBGE (censos e pesquisas domiciliares). Ao final, apresenta e discute indicadores de cobertura evidenciando suas fragilidades e propondo modificações.

Ao analisar os Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa, **Bajard** diz que a principal fonte de aprendizagem se encontra agora na prática do texto escrito e não apenas na transposição escrita da língua oral infantil. Após considerar a prática da linguagem e a leitura como construção de sentido, o autor discute novidades e aspectos importantes dos PCN.

A partir de uma bela colocação de Carl Sagan, o trabalho de **Bellini** e **Ruiz** passa a discutir possíveis abordagens no ensino e na avaliação da matemática na escola fundamental. Os autores discutem a problemática de uma "epistemologia de fixação", fortemente reducionista, que influencia muitas das atuais avaliações. Ao longo de seu trabalho defendem com bastante propriedade a tese (de Piaget) de que a matemática é um instrumento para a compreensão da realidade, sobretudo na interação entre os sujeitos e o universo.

Mildner, a partir de uma análise crítica da literatura sobre avaliação da aprendizagem, especialmente no Brasil, argumenta que a supervalorização da avaliação da aprendizagem indica, no nível

político e no metodológico, um viés conceitual relativamente ao fato de que planejamento, processamento do ensino-aprendizagem e avaliação da aprendizagem são elementos constituintes do processo pedagógico, os quais interagem em seus efeitos simultâneos e integrados, por intermédio de íntimas relações de reciprocidade e de complementariedade, sobre e para a ocorrência efetiva da aprendizagem para todos. E, portanto, que uma melhoria da qualidade do ensino para todos e uma conseqüente minimização de fracasso não decorrerão, primeira e principalmente, de uma "mudança de cultura avaliativa" e, sim, demandarão mais básica e abrangente mudança de cultura pedagógica.

Os autores – **Lang da Silveira e Reis Prá** – investigaram o poder explicativo que diversas variáveis tiveram sobre o desempenho em Ciências de 23.009 candidatos ao concurso vestibular de 1998 da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. As variações de escolaridade destacaram-se como as mais importantes pois, somente elas (7 variáveis), explicaram 34,3% da variância do desempenho, enquanto as variáveis socioeconômicas explicaram apenas 16,6%. Tais resultados, segundo os autores da pesquisa, constituir-se-iam em evidência empírica contra os posicionamentos teóricos deterministas e reducionistas, que atribuem a algum fator (como, por exemplo, ao socioeconômico) um peso decisivo sobre o resultado no concurso vestibular.

O estudo de **Furlani** procura analisar o problema da formação do aluno no ensino superior particular noturno e a influência que esse ensino tem sobre sua trajetória escolar e profissional. Ao escolher o ensino noturno e seu aluno, a autora contribui de forma substancial para o conhecimento de uma área pouco privilegiada da bibliografia educacional brasileira, que, infelizmente, considera o ensino noturno algo menor, freqüentada por um resíduo da população estudantil, o que reflete um pensar bastante falacioso.

Ao fazer uma reflexão sobre sua formação e desenvolvimento como avaliador na área de educação, **Vianna** apresenta um depoimento, abrangendo o período de 1962-1995, em que discute a problemática da formação do avaliador no Brasil e no exterior. Fica evidente em seu texto que a avaliação não faz parte da formação dos educadores em nosso contexto educacional, que, desse modo, se voltam para a experiência que instituições norte-americanas e européias possuem nesse campo do saber.